

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE DIREITO DO LARGO SÃO FRANCISCO
HISTÓRIA DO DIREITO DO TRABALHO NO BRASIL - DTB 0101

O uso político da cultura:

Do projeto varguista até a paranóia da Guerra Cultural

Gabriel Amorim Nogueira - 12508930

Email: gabrielamorim@usp.br

Professor Jorge Luiz Souto Maior

Monitoras: Tainã Góis e Maria Paula Bebba Pinheiro

SÃO PAULO
NOVEMBRO DE 2021

Palavras-chave: Cultura, Era Vargas, Trabalhadores Brasileiros, Identidade Nacional, Guerra Cultural, Polarização

Introdução

No livro Campo Geral, de Guimarães Rosa, é narrada a história de Miguilim, garoto do interior de Minas Gerais que sofria com dificuldade em enxergar com nitidez. Nessa obra, em uma das passagens finais, o menino coloca óculos pela primeira vez, de modo que sua forma de perceber a realidade se altera completamente, passando a enxergar - literal e metaforicamente - o mundo de forma muito mais nítida e vívida. Embora pertença a um universo ficcional, é possível estabelecer um paralelo entre os óculos de Miguilim e o papel da cultura na percepção da realidade de um indivíduo: ambos os fatores são meios que propiciam uma nova percepção sobre os elementos concretos ao redor, permitindo uma análise mais clara sobre objetos até então translúcidos. Nesse sentido, a cultura, devido ao seu potencial de instrumento de metamorfose social, foi utilizada em diversos momentos ao longo da história objetivando o engajamento de massas em torno de determinados projetos.

Nesse contexto, o presente trabalho analisará o papel que a cultura - compreendida em suas diversas manifestações - apresenta em dois momentos particulares da história do Brasil: na Era Vargas e na contemporaneidade. Desse modo, em uma perspectiva, analisa-se como Getúlio Vargas instrumentalizou a cultura brasileira em torno de seu projeto trabalhista, promovendo valores que objetivaram ressignificar a imagem do brasileiro. Por outro lado, procura-se argumentar como essa ideia de instrumentalização de ideologias por meio da cultura engendrou uma verdadeira paranóia, a qual fundamenta ideologicamente o *modus operandi* teórico e de práxis da extrema direita brasileira.

A relevância da cultura para o projeto varguista

A priori, é importante fazer uma breve contextualização histórica para compreender o projeto varguista, objetivando, posteriormente, situar a função do aspecto cultural nessa trama. Diante de uma crise econômica global, com impactos relevantes na balança comercial brasileira (agroexportadora em praticamente toda sua plenitude), Vargas iniciou um projeto de restauração econômica, que teve como um de seus objetivos o desenvolvimento da indústria nacional. Nesse sentido, em um contexto de desconfiança crescente com os trabalhadores imigrantes, uma das preocupações de Getúlio foi a consolidação de um contingente de

trabalhadores brasileiros livres, os quais até então eram excluídos do mercado de trabalho (que captava principalmente trabalhadores escravizados e imigrantes), para que servissem de mão de obra para a indústria nascente.

Nesse contexto, dentre múltiplas ações que caminharam na concretização dessa consolidação, é possível destacar a tentativa de forjar uma identidade nacional desse operariado, ressignificando os atributos historicamente negativos do brasileiro, objetivando a unificação ideológica dessa massa populacional em torno de características positivas ao trabalho. O brasileiro, até então retratado como preguiçoso, passa a ser defendido como esperto, “malandro”, que dribla a tentativa europeia de o explorar, contudo, que é honesto e trabalhador na medida em que é respeitado. Desse modo, essa “história dos excluídos contada ludicamente pelos vencedores”¹ buscava a captação do operariado a partir dessa massificação da identidade nacional em torno do projeto varguista: a classe trabalhadora brasileira teria um espírito de colaboração com a produção da riqueza nacional, que seria agraciada com os direitos trabalhistas.

Isto posto, é possível entender a relevância da cultura no contexto, na medida em que foi ela um dos instrumentos utilizados como meio para educar a população, inserindo artificialmente os elementos que constituíam essa massificação de identidade: rádio, cinema, esporte, dentre outros espaços culturais, passaram a transmitir consigo mensagens com os valores objetivados pelo projeto varguista. Por exemplo, houve nas músicas brasileiras uma clara adaptação de sentido, que passou a valorizar o país e o trabalho como motor das transformações positivas que ocorriam nacionalmente, como é o caso da música, de Ataulfo Alves, É Negócio Casar, a qual constata: “No Brasil não falta nada, mas precisa trabalhar”². Nesse sentido, houve um investimento nacional no cinema, que além de contar com propagandas governamentais no início dos filmes, possuía enredos que transmitiam uma identidade positiva do Brasil. Por fim, também é possível destacar o papel do futebol, utilizado como apaziguador social, que teve a busca por resultados positivos como uma política de Estado, objetivando a construção de uma identidade nacional e internacional sob a ótica da qualidade e perseverança do brasileiro.

Em síntese, essa tentativa de massificação da identidade nacional em torno da política trabalhista varguista conciliou fracassos com sucessos. De um lado, houve de fato uma maior inserção do brasileiro pobre das cidades no mercado de trabalho, assim como um aumento da

¹ MAIOR, Jorge Luiz Souto. *História do Direito do Trabalho no Brasil: curso de direito do trabalho, volume I: parte II*. São Paulo: LTr, 2017. p.178

² Disponível em: >https://www.youtube.com/watch?v=sxByVp_hKBQ<

percepção da importância da união coletiva, entretanto, por outro lado, houve certo sequestro de protagonismo de Vargas em relação às lutas por parte dos trabalhadores, as quais ocorriam mesmo antes de seu governo, além de que muitos encararam sua propaganda como uma tentativa de cooptação e desistência de pautas mais radicais. Ademais, o uso da cultura como educadora também foi frustrada em certo sentido: viu-se nos cinemas, por exemplo, o surgimento do Cinema Novo, que substituíram as lentes varguistas por outras mais questionadoras.

A paranoia da Guerra Cultural

Como demonstrado até aqui, a cultura teve um papel central no projeto varguista de massificação ideológica, entretanto, sobre outra perspectiva, pode-se discutir como essa ideia do uso da cultura para a transmissão de valores deu lugar a uma verdadeira paranóia denominada “Guerra Cultural”, um tema tão relevante que faz o escritor João César Castro Rocha, no livro “Guerra Cultural e retórica do ódio”, afirmar ser impossível compreender o fenômeno dessa nova direita sem entender o que é a guerra cultural³.

Primeiramente, o conceito de Guerra Cultural foi popularizado nos Estados Unidos na década de 90 do século passado, sobretudo por meio do livro Guerra Cultural: A Luta para Definir a América, de James Hunter. Nesta obra, é defendido que o debate político sobre determinadas pautas (como a legalização do aborto, casamento gay, descriminalização de drogas...) seria um campo de guerra disputado na cultura do país. Nesse contexto, Hunter defende uma polarização maniqueísta entre os disputantes dessa guerra: de um lado, a narrativa de “liberação”, composta por aqueles que objetivariam destruir as instituições tradicionais que sustentariam os valores morais da sociedade ocidental, enquanto por outro lado, haveriam aqueles que pretendiam defender esses valores.

Esse conceito foi importado ao Brasil, com a adoção da mesma tese de uma suposta guerra no campo cultural, bem como o maniqueísmo característico, de modo que haveria “inimigos da civilização” com objetivos e concepções morais absolutamente incompatíveis, os quais representariam perigos a instituições tradicionais idealizadas (como a família, religião e etc) e que estariam disputando a ocupação do campo cultural brasileiro. Nesse sentido, esses inimigos costumam ser genericamente representados, com características tão vagas que permitem enquadrar qualquer mínima oposição como prova de pertencimento a esse grupo destruidor. Além disso, há um processo de desumanização dos adversários

³ ROCHA, João Cezar de Castro. Guerra Cultural e a Retórica do Ódio: crônicas de um Brasil pós político. Goiânia: caminhos, 2021. p.5

políticos, que por serem retratados como moralmente incompatíveis e perigosos faz com que seja desejado sua supressão do debate, sem qualquer possibilidade de diálogo: como em uma verdadeira guerra, o inimigo representa uma ameaça e portanto, deve ser destruído. Esta última ideia tem um exemplo de expressão na frase de Olavo de Carvalho, um dos principais teóricos propagadores da teoria, o qual defende como técnica discursiva: “Não puxem discussão de ideias. Investigue alguma sacanagem do sujeito e destrua-o”⁴.

Desse modo, a extrema direita brasileira vale-se dessa narrativa de uma suposta guerra na cultura com o propósito de polarização e fidelização dos apoiadores. Esse fato se justifica na medida em que toda e qualquer oposição (genericamente representada) simboliza um perigo de destruição de instituições idealizadas, criando uma incompatibilidade moral que torna inviável o diálogo e o questionamento, mantendo esse grupo fiel aos seus líderes como único caminho possível diante da perversidade dos “outros”. Desse modo, a guerra cultural se torna uma exigência do *modus operandi* do dia a dia, de modo que deve-se recusar toda e qualquer manifestação de cultura fora das lentes dogmáticas defendidas por eles: não assista a “extrema imprensa”, boicote marcas e filmes com propagandas progressistas, não dialogue, xingue!.

Conclusão

Em uma perspectiva, a presente argumentação analisou como Vargas instrumentalizou a cultura do país objetivando a construção de uma identidade nacional artificial em torno dos trabalhadores brasileiros, de modo consoante aos interesses de seu projeto político-econômico, utilizando filmes, música, esportes, entre outros veículos culturais, como formas de educar a população em torno de determinados valores e ideologias. Por fim, constatou-se as conciliações entre fracassos e sucessos de tal pretensão.

Por outra perspectiva mais contemporânea, debateu-se como a cultura vem sendo tratada como um palco de guerra por segmentos da extrema direita brasileira, que utiliza dessa justificativa para acirrar a polarização e gerar uma fidelização de seus apoiadores, na medida em que expõe um cenário maniqueísta, dividido entre adversários caracterizados como seres perversos, os quais pretendem destruir instituições tradicionais por meio da dominação do campo cultural, ao passo que se opõem como única alternativa para evitar esse mal. Tal cenário, como demonstrado, determina em partes o *modus operandi* diário de determinados indivíduos, que passam a reger o conteúdo que consomem e seu comportamento na perspectiva dessa guerra.

⁴ Disponível em: <https://oglobo.globo.com/epoca/o-curso-de-olavo-de-carvalho-artista-da-ofensa-23521208>

Sendo assim, esta exposição objetivou analisar o papel que a cultura exerceu em duas circunstâncias específicas da história brasileira, demonstrando ser ela um importante objeto de projetos políticos, devido a seu potencial de metamorfosear a percepção da realidade dos indivíduos, inserindo-os em novas percepções da realidade por meio de suas lentes.

Referências

HUNTER, James. *Culture Wars: The Struggle to Define America*. Nova York: Basic Books, 1991.

MAIOR, Jorge Luiz Souto. *História do Direito do Trabalho no Brasil: curso de direito do trabalho, volume I: parte II*. São Paulo: LTr, 2017.

NUNES, Atalfo. *É Negócio Casar*. Rio de Janeiro, 1941

ROCHA, João Cezar de Castro. *Guerra Cultural e a Retórica do Ódio: crônicas de um Brasil pós político*. Goiânia: caminhos, 2021

ROSA, João Guimarães. *Manuelzão e Miguilim*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 11^a ed, 2001.